

O Serão baldado.

113

Cod  
11232  
49

(Cançoneta)

Soltos a Zedra os Andaluzes,  
A campina uneli-sonante  
Vejo Tebo rutilante  
De purpureas frossas lizes,  
Mergulhando, colorar.

2.<sup>a</sup>

Vão perdendo a cor de brzas  
Pouco, e pouco os horizontes.  
Nos cimerios cavos montes  
Abre a Noite as fuscas arzas,  
Abafando a terra, e o mar.

3.<sup>a</sup>

\* Pois a Noite he já vizinha,  
Tem, Imene idolatrada,  
Sobre a praia concheada  
Deita placida e marinha  
A fresc'ouro a respirar.

4.<sup>a</sup>

Não te cause, o Nympho, medo  
Ver as vagas em ledonolo  
Requebrar com surdo etrondo.  
Nem no trêmulo arvorelo  
O Favonio susurrar.

\* Já que a Noite se avizinha

5.  
(a) Sois apenas na espenura,  
Nympfa angelica, brilhares,  
Esta arieia teu quizaros;  
Foge em torno a Noite escura,  
Calla o sento, cessa o mar

6.  
(a) Tem, de Afeno, dono dino,  
Com as Gracas, e os Amores  
Que de ti, como os fulgores  
Do alma Sol, manam com tempo.  
Tem meus olhos delitour.

7.  
Que seras delicioso,  
Minha Venus, não teremos!  
Que fineras, e que extremos?  
Do Pactor mais amovoso  
Tu não deves esperar?

---

(a) Porque apenas na espenura  
Porque mal que na espenura

Mas latir ouco a Melampo,  
 Teu fidissimo 'Cafeiro.

~~Ataque e loba metreira...~~

~~Que se enra e isco curso a campo,  
 Que se de o ve e salvas.~~

Farijou loba metreira,  
 Que baixou do monte do campo,  
 Teu pedil vem espreitar.

9<sup>a</sup>

Oh maldito contra-tempo,  
 Que baldou minha ventura!

\* Nada temas, que Amor jura,  
 Jura Affeno ainda a tempo  
 Teu Levando de salvar.

Vej. infra

